

# Resenhas



## Judith Butler e a escrita política

Henrique Yagui Takahashi<sup>1</sup>

### Resenha do livro:

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. São Paulo, Autêntica, 2012

A edição inglesa do livro de Sara Salih foi publicada com o título *Judith Butler* (2002). Na versão brasileira, Guacira Lopes Louro, uma das primeiras intelectuais a sistematizar a Teoria Queer no Brasil, transformou o título da obra em *Judith Butler e a Teoria Queer* (2012).

Butler é professora de retórica e literatura comparada na Universidade de Califórnia, porém seus textos não abordam estritamente essas temáticas. A autora é conhecida por trabalhar no campo da “teoria queer”, “teoria feminista” ou “estudos de gênero”. Tanto no título do livro quanto nos seus campos de pesquisas há o que Butler denominará “desencontros”. O *desencontro* seria um modo de não-fixidez do sujeito, no qual as múltiplas classificações sociais contêm em si mesmas sua própria força política.

Procurarei demonstrar nesta resenha a importância dessa noção do *desencontro* enquanto um uso estratégico nas formas de enunciações e identificações, produzindo *sujeitos-em-processos*, frutos de uma política da escrita. Para isto me utilizarei da problematização discursiva feita por Spivak (2010) a partir da ideia de “prefácio”. Para Spivak, o prefácio permitiria duas possíveis leituras: a leitura do prefaciador que “traduz” o livro e a leitura do leitor que lê o texto prefaciado e o texto do livro.

1 Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS)/Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos – Brasil – henrique.takahashi@hotmail.com

Atentarei mais para a “escrita política” do que para a “leitura política”. Assim, as possíveis escritas políticas existentes neste livro de Salih seriam: a escrita de Sara Salih sobre os textos de Butler; a escrita de Guacira Lopes Louro (tradutora) com os textos de Salih e Butler e a minha escrita a partir da tradução de Louro. É nessas diferentes formas de enunciações que a política opera: “se os signos são instáveis, reiteráveis e nunca estão, em última instância, determinados pelo contexto ou pela convenção, deve ser possível ressignificar e recontextualizar as representações e as palavras [...]” (Salih, 2012: 139).

Para fazer a análise teórica nos livros de Butler, Salih também se utiliza dessa “escrita política”:

[...] então evidentemente minha descrição das teorias de Butler não poderá substituir a leitura direta dos livros. Embora eu não pretenda emular o estilo inimitável e exigente da escrita de Butler, este resumo necessariamente limitado de sua obra está escrito num espírito similar de abertura e de ausência de resolução ou fechamento. Não tento definir as teorias de Butler. [...] Os capítulos que seguem examinarão a obra de Butler em ordem cronológica, concentrando-se naquilo que poderia ser identificado como as cinco principais áreas de seu pensamento: *o sujeito; o gênero; o sexo; a linguagem; e a psique*. Poderia ser metódico e conveniente adotar certa “progressão” que levasse de um assunto ao outro, mas já vimos que sua obra rejeita esse tipo de padrão linear e veremos, a seguir, que cada um desses tópicos é tratado em maior ou menor grau em cada um de seus textos (ibid.: 27).

A ordem dos livros de Butler analisados é: *Subject of Desire* (1987), *Gender Trouble* (1990), *Boddies That Matter* (1993), *Excitable Speech* (1997) e *The Psychic Life of Power* (1997). Entretanto, para abordar “a” teoria de Judith Butler, em vez de fazer uma linha cronológica apresentando um possível desenvolvimento no seu pensamento, a escolha de Salih foi fazer a abordagem por meio de *idéias-chave* que possibilitam ressignificar temas de forma dialética. Essas *idéias-chave* são classificadas em “sujeito”, “gênero”, “sexo”, “linguagem” e “psique”.

A primeira ideia-chave a ser exposta é o “sujeito” utilizando o livro *Subjects of Desire* (1987), originário da dissertação de Butler apresentada à Universidade de Yale em 1984. Esse é um livro que apresenta a autora como estudiosa da filosofia continental<sup>2</sup>, pois seu tema de pesquisa é a recepção da *Fenomenologia do espírito* de Hegel por duas gerações de filósofos franceses. A questão de Butler

2 Termo utilizado pela literatura acadêmica anglófona (britânicos e norte-americanos) para designar os europeus continentais, principalmente França e Alemanha.

nesse livro é a dependência necessária da subjetividade da negação do “Outro” pelo “Eu”. O que na teoria hegeliana seria um processo dialético de unidade dos opostos. É nesse sentido que o *sujeito hegeliano* é um *sujeito-em-processo*, pois essa instabilidade nega um lugar fixo, produzindo assim uma “reconstrução de si mesmo” constantemente. Nesse caso, o enfoque da produção do “sujeito” ocorre via “desejo”:

Hegel diz que é apenas através do reconhecimento e do conhecimento de um outro que o “Eu” pode conhecer a si mesmo, de modo que o desejo é sempre o desejo por algo que é “Outro”, o que acaba por ser um desejo pelo próprio sujeito (Salih, 2012: 41).

A segunda ideia-chave aborda o “gênero” pelo livro *Gender Trouble* (1990), o trabalho mais conhecido de Butler e no qual ela põe em xeque a categoria “mulher”, mostrando que esta é um *sujeito-em-processo* construído discursivamente:

O gênero é um ato que faz existir aquilo que ele nomeia. Neste caso, um homem “masculino” ou uma mulher “feminina”. As identidades de gênero são construídas e constituídas pela linguagem. O que significa que não há identidades de gênero que precedam a linguagem (Salih, 2012: 91).

Realiza-se uma genealogia feminista da categoria “mulher” e uma genealogia da ontologia de gênero. O “gênero” se aproxima das discussões a respeito da produção das identidades heterossexuais e homossexuais, a partir das teorias estruturalistas, psicanalíticas e feministas. A noção de que “não há identidades de gênero que precedam a linguagem” mostra que não há sujeito nem “antes” ou “depois”, ou seja, que a identidade é um construto *performativo* (noção de *performatividade*<sup>3</sup>), e que em relação à sexualidade haveria uma heterossexualidade compulsória. Na leitura freudiana, a heterossexualidade, por ser compulsória, também é *melancólica*. Porque para performatizar a heterossexualidade o sujeito precisa internalizar a identificação com o mesmo sexo, ou seja, uma identificação homossexual. Porém a compulsoriedade produz uma abjeção ao mesmo sexo, tornando-o melancólico.

3 A noção de *performatividade* não deve ser confundida com *performance*, pois pressupõe um ator que *performatiza*. No conceito de Butler, há um sujeito, mas não há um sujeito antes e depois do ato performativo. É como no caso da heterossexualidade, ninguém performatiza conscientemente durante o tempo inteiro uma *performatividade hetero*. A heterossexualidade, nesse caso, é compulsória, como no exemplo do bebê que identifica o seu “sexo”. O próprio bebê não performatiza um determinado gênero, mas já é esperado ele agir como “menino” ou como “menina”.

A terceira ideia-chave aborda o “sexo” no livro *Bodies That Matter* (1993), em que a análise genealógica passa a ser da construção discursiva dos corpos. O gênero é analisado enquanto processo de interpretar o corpo, dando-lhe uma forma cultural, por meio da linguagem e do discurso. Por isso a importância da noção de *citacionalidade*, que vem do latim *citare*, significando “pôr em movimento” ou “chamar”. Por exemplo, a nomeação de um bebê ao dizer “é menino!” ou “é menina!” produz simultaneamente as performatividades masculinas e femininas em relação ao bebê. Imediatamente surgem comentários como: “ele vai ser forte”, “ela vai ser delicada”, a compra de roupas: saias, de cor azul, de cor rosa, brinquedo, entre outros.

A quarta ideia aborda a linguagem no livro *Excitable Speech* (1997). Butler argumenta que a linguagem não é necessariamente um performativo efetivo, pois nem sempre coloca em ação aquilo que nomeia. Por exemplo, quando as autoridades a partir do discurso do Estado proibem e censuram determinado tipo de crime. Ao “banir” o crime/criminoso, este não está colocando em prática a eliminação do crime, porém produzindo e proliferando discursos e representações que as autoridades propõem banir. A natureza produtiva e proliferativa da lei aciona o discurso do ódio para poder legislar sobre ele, o que produz um sujeito falante incriminável para poder processá-lo. Assim, não há um fazedor por trás do feito: “Pressupor um produtor isolado de um enunciado é, como veremos adiante, uma ficção fabricada pela lei para justificar a regulação do discurso e da representação” (Salih, 2012: 144).

A última ideia aborda a “psique” no livro *The Psychic Life of Power* (1997). Apresenta-se uma crítica a Foucault por deixar de fora a psique em suas teorias sobre o poder, a alma e o corpo, afirmando seu potencial subversivo. Para isso a autora não define o “psíquico” ou a psique, mas se concentra na emergência da consciência no interior do discurso e da lei:

O desejo de desejar é uma disposição para desejar precisamente aquilo que excluiria o desejo, ainda que essa exclusão seja apenas a da possibilidade de continuar a desejar. Uma vez que o desejo é constitutivo, o sujeito pós-hegeliano, em vez de simplesmente não desejar nada, desejará a proibição, mas o fato de estar preso à sujeição não significa que seja incapaz de afirmar sua agência na subordinação (Salih, 2012: 170).

Porém, essas *ideias-chave* não são um meio de encerrar o pensamento de Butler em formato enciclopédico, antes de utilizar a “escrita política” de Butler como um modo de produzir múltiplas ressignificações. O capítulo final do livro de Salih é nomeado – ironicamente – *Depois de Butler*:

Sob esse aspecto, o título deste capítulo é, de certo modo, enganador, pois sugere que “Butler” foi um evento que aconteceu e que acabou, deixando para outros críticos e pensadores a tarefa de lidar com as consequências antes de decidir em que direção seguir daí em diante. A expressão que dá o título ao capítulo sugere erroneamente algum tipo de encerramento, ao passo que Butler continua mantendo uma relação ativa e dialética com os seus próprios textos, bem como com os textos de outros pensadores e pensadoras críticos (Salih, 2012: 190).

É o ato de reescrever que constitui uma relação de poder teoricamente. Salih faz uso desse saber na sua escrita: “E a *leitora* deveria aproximar-se com cautela daquilo que *parecem* definições, pois elas não pretendem ser finais nem carregar a marca da autoridade” (Salih, 2012: 27; grifo meu). A partir de uma decisão política Louro traduz quem lê no feminino, de forma que, em sua tradução da obra, Salih se direciona “à leitora”, *descrevendo* a própria ação política no ato de nomear quem lê no feminino, portanto partilhando a condição de alteridade explorada em toda a obra da filósofa norte-americana.

Louro, com sua ótima tradução de *Judith Butler e a Teoria Queer*, traz ao público brasileiro a interpretação de Salih do pensamento butleriano. Para além de uma tradução e interpretação, tanto Louro quanto Salih apresentam o desafio político e intelectual de Butler para a teoria social brasileira, contribuindo para problematizar uma certa forma de “teoria social colonizada”, aquela que bem conhecemos, mas apenas agora começamos a reconhecer como uma teoria social masculina e heterossexista criada pelos “homens brancos europeus”.

## Referências

- SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2010.

Recebido em: 07/05/2013

Aceito em: 30/08/2013

### Como citar esta resenha

TAKAHASHI, Henrique Yagui. Judith Butler e a escrita política. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 3, n. 2, jul.-dez. 2013, pp. 493-497.